PSICOLOGIA DA GESTALT- Material complementar para a aula do dia 27/04/18

Nelson Ernesto Coelho Junior

Kurt Koffka, em seu livro de 1935, Princípios de Psicologia da Gestalt, assim resume a contribuição inicial dos três pioneiros da Gestalt (Max Wertheimer [1880- 1943], Wolfgang Köhler [1887-1967] e o próprio Koffka [1886-1941]), para a Psicologia enquanto método e pesquisa: "...o dilema da Psicologia era esse: por um lado, estava na posse de princípios explicativos, na acepção científica, mas esses princípios não resolviam os mais importantes problemas da psicologia, os quais se mantinham, pois, fora de seu âmbito; por outro lado, tratava desses mesmos problemas, mas sem princípios científicos explanatórios; compreender tomou o lugar de explicar. A solução de Wertheimer para o dilema. (...) percebendo os méritos e defeitos de ambos os lados, ele não podia aderir nem a um nem a outro, mas tinha de tentar descobrir uma solução para essa crise aguda. Nessa solução, dois princípios não podiam ser sacrificados: os princípios de ciência e de significado. E, no entanto, eram justamente os dois que estavam na origem de toda a dificuldade. (...) explicar e compreender não são formas diferentes de lidar com o conhecimento, mas fundamentalmente idênticas. E isso significa: uma conexão causal não é uma simples sequência fatual a ser memorizada, como a ligação entre um nome e um número de telefone, mas é inteligível. (...) A interpretação positivista do mundo e nosso conhecimento dele nada mais são do que uma possibilidade, mas existe outra. A questão é: qual é realmente verdadeira? Significado, alcance, valor, como dados de nossa experiência total, sugerem-nos que a segunda [valorização da apreensão do significado a partir da compreensão do todo e não da análise das partes] tem, pelo menos, tão boas possibilidades de ser verdadeira quanto a primeira. E isto significa: longe de sermos compelidos a banir conceitos tais como significado e valor da psicologia e da ciência em geral, devemos usar esses conceitos para um completo entendimento da mente e do mundo, o qual seja, ao mesmo tempo uma explicação total."(pp.32-33)

Essas eram as ambições dos psicólogos da Gestalt. Conseguir fazer da psicologia uma ciência explicativa do significado e do valor. Queriam integrar quantidade e qualidade, mecanicismo e vitalismo, explicação e compreensão. E para isso, propunham o abandono do tratamento dos fatos em separado em favor do exame de um grupo de fatos em sua forma específica de conexão. Para eles "só assim a quantidade podia ser qualitativa, e a ordem e o significado podiam salvar-se de ser introduzidos no sistema da ciência como novas entidades, os privilégios da vida e da mente, ou então rejeitados como meras ficções". (p.33)

Em 1910, Wetheimer reconheceu, pela primeira vez que o estímulo visual descontínuo pode produzir a percepção do movimento contínuo, o que mostrava que a percepção não corresponde, portanto, ponto a ponto ao estímulo físico. Köhler e Koffka foram sujeitos dos vários experimentos de Wertheimer, experimentos que, de resto, constatam o fenômeno que é a base do cinema. Em 1921, os três iniciadores, ao lado Kurt Goldstein e Hans Gruhle fundaram a revista Pesquisa Psicológica, que se tornaria o orgão oficial da escola da Gestalt.

Embora a filosofia não estivesse entre suas principais preocupações os três autores tiveram que recorrer a uma abordagem que mais claramente os diferenciasse dos princípios filosóficos da corrente behaviorista que encontraram dominando os USA quando lá chegaram na década de 30, fugindo do nazismo na Alemanha. Essa filosofia era a fenomenologia, mas não poderia ser a fenomenologia plenamente. Contra uma certa tradição presente entre de historiadores da psicologia, que procuram apresentar a Psicologia da Gestalt como uma herdeira direta da fenomenologia, ou então, simplesmente apresentar a fenomenologia como precursora da Gestalt, autores como Spiegelberg (Phenomenology in Psychology and Psychiatry, 1972, p.67 e seguintes) sugerem que a Gestalt não só teve outros e mais próximos ancestrais, como a fenomenologia teve vários descendentes não- gestaltistas. Deve ser considerado que o contato dos três primeiros gestaltistas com Husserl foi casual e periférico, embora historiadores como o francês Paul Foulquié, em seu livro "A Psicologia Contemporânea" (p.242), insistam em afirmar que "Koffka, foi aluno de Husserl...". O maior contato dos primeiros gestaltistas com a fenomenologia viria a acontecer depois de sua mudança para USA (Koffka no Smith College de Northhampton, Wertheimer na New School of Social Research, N.Y. e Köhler no Swarthmore College, perto de Filadélfia). Nenhum dos três tinha um interesse grande em filosofia.

Mas, mesmo assim, vale considerar as contribuições do pensamento fenomenológico para a formação dos três fundadores da Psicologia da Gestalt. Wertheimer esteve em contato, em Praga, com Ewald Hering, o fenomenólogo estudioso da visão e com Christian von Ehrenfels, o descobridor das Gestaltqualitäten, das quais tratarei a seguir. Depois, em Berlim, recebeu a influência da fenomenologia de Stumpf. Köhler e Koffka fizeram seus doutorados com Stumpf em Berlim. Stumpf, por sua vez, foi professor de Husserl e influenciou de forma evidente a formulação deste de uma filosofia fenomenológica.

 Em 1890, von Ehrenfels procurou acrescentar ao estudo das sensações uma qualidade de forma ou qualidade configuracional. Entende-se essa qualidade como dimensões dos elementos que só existem no contexto dos conjuntos estruturados de que fazem parte. Essas qualidades não pertencem aos elementos um a um que compõem uma sensação ou um fenômeno, mas sim à configuração como um todo. O exemplo sempre dado para caracterizá-las parte da ideia de se é possível até mesmo alterar todos os elementos de uma totalidade e mesmo assim conservar as qualidades, como no caso em que se muda de tom ou de escala, mas se continua tocando ou cantando e reconhecendo a mesma melodia. Essa concepção de von Ehrenfels representou um importante ponto de apoio para os autores da Escola de Berlim.

Assim, a psicologia da Gestalt, que tem seu marco inicial no estudo da percepção aparente de Max Wertheimer, publicado alguns anos antes da primeira Guerra Mundial - 1912, pode ser tomada simultaneamente como um movimento profundamente filosófico e profundamente científico. Como corrente psicológica da primeira metade do século XX, opunha-se radicalmente a toda tradição da psicologia clássica, recusando um estudo que partisse dos elementos psíquicos ou comportamentais e propondo o estudo das configurações naturais e dos padrões da experiência imediata.

Princípios:

- Determinação relacional- propriedade das partes dependem da relação entre as partes e o todo e também da função que têm no todo;

- O todo é mais do que a soma das partes;

- Lei da pregnância (de Wertheimer): a organização de qualquer todo é tão boa quanto o permitem as condições existentes (Cf. Foulquié, p.247)

- Princípio do isomorfismo: semelhança estrutural entre processos nervosos no cérebro e forma da percepção; a tese do isomorfismo sustenta a completa equivalência estrutural entre os processos psicológicos e os processos fisiológicos;

- “lei da boa forma”: tendência estetizante dos processos cognitivos que se dirigem sempre para a estruturação mais equilibrada e agradável do campo- não seriam, ademais, distintas das leis fisiológicas;

- O organismo tende a dar uma resposta unitária a toda situação de estímulos à qual é confrontado em um certo momento;

- Estímulos simples ou a soma de vários estímulos não são capazes de dar conta de eventos perceptivos;

- Formas dotadas de significado: veem-se coisas, objetos, figuras e não linhas, pontos e manchas;

- Configuração: campo organizado em que os elementos se situam em relações precisas com os demais elementos;

- Valores como parte constitutiva da experiência imediata (Köhler).

Os psicólogos da forma estão convencidos de que é possível superar o nível da pura compreensão e elaborar leis gerais explicativas. Na base desta convicção estão as crenças na existência de leis universais da organização dos campos e no isomorfismo psicofísico.

Propunham (Wertheimer, ao lado de seus colegas Wolfgang Köhler e Kurt Koffka) a noção de Gestalt, entendida como entidade organizada, específica, concreta e existente que possui uma forma ou figura definida. Gestalten são os objetos da vida diária, tais como são percebidos e, ao mesmo tempo, Gestalt é a maneira, de acordo com a qual as coisas são percebidas. Para Koffka, "a ciência encontrará Gestalten de diferentes ordens em diferentes domínios, mas nós afirmamos que toda e qualquer Gestalt tem ordem e significado, em maior ou menos grau, e que, para uma Gestalt, quantidade e qualidade são a mesma coisa. Ora, ninguém negaria hoje que de todas as Gestalts que conhecemos, as mais ricas sejam as da mente humana; portanto, é sumamente difícil e, na maioria dos casos, ainda possível expressar sua qualidade em termos quantitativos, mas, ao mesmo tempo, o aspecto de significado torna-se mais manifesto aí que em qualquer outra parte do universo."(p.34) Embora a psicologia da Gestalt estudasse inicialmente totalidades perceptivas, especialmente configurações e figuras visuais, passou a constituir, pouco a pouco, investigações de outros fenômenos psicológicos como a aprendizagem, a memória, o pensamento e a personalidade.

A Gestalt é uma teoria de campo, na medida em que considera que o comportamento se efetua num meio ambiente limitado (campo) construído por um sistema organizado de tensões e tendências (forças), análogo a um campo gravitacional ou eletromagnético.

A Psicologia da Gestalt estuda o comportamento molar e não o comportamento em termos moleculares. O comportamento molar ocorre num meio comportamental, que é o campo comportamental.

A Psicologia da Gestalt representa em sua conceituação própria uma revolução radical para a antiga Psicologia Elementarista. No estudo da consciência, por exemplo, não se deve mais perguntar pela estruturação em seus elementos radicais últimos, mas deve-se pressupor a organização gestáltica do mundo vivencial imediato como realidade última e irredutível.

Tanto teoricamente como empiricamente o objetivo da psicologia não deve mais ser a formulação de leis associacionistas, etc., mas sim a formulação de "princípios gestálticos".

A Psicologia da Gestalt, no entanto, em uma de suas concepções, a do isomorfismo, que sustenta a completa equivalência estrutural entre os processos psicológicos e os processos fisiológicos, acaba por pretender a unificação dos reinos da natureza e do espírito. "O isomorfismo psicofísico cumpre assim a missão de expulsar a subjetividade que se havia introduzido inicialmente através da descrição e compreensão da experiência imediata. Nesta tese se consuma o rompimento da psicologia da forma com as ciências morais ou do espírito e, em que pesem as muitas verbalizações em contrário, se revela a índole positivista do gestaltismo. Curiosamente, entretanto, na tentativa de reunificar as ciências sobre a base de um conceito que emergiu no campo das ciências do espírito e da arte, o conceito de forma, reconhece-se o velho projeto romântico.” (Figueiredo 1989, pp. 158-159)

KURT LEWIN (1890-1947) E SUA TEORIA DE CAMPO:

Na física do final do século XIX já se começava a pensar em termos de relações de campo (como os estudos dos campos de força) e, assim, se afastava de um quadro de referência atomista e elementarista. O alemão Lewin é um gestaltista e ao mesmo tempo suas ideias foram muito além da posição gestaltista ortodoxa. Ele foi um dos criadores da psicologia social, e um dos pioneiros no estudo das relações e das dinâmicas grupais. Lewin dedicou-se menos aos estudos sobre a percepção e a aprendizagem e mais ao estudo das necessidades e da personalidade assim como das influências sociais sobre o comportamento. Morou nos Estados Unidos a partir de 1933 e dirigiu o Centro de Pesquisas de Dinâmica de Grupo do MIT. A partir da teoria de campo da física, Lewin passou a postular que as atividades psicológicas de um indivíduo ocorrem numa espécie de campo psicológico, chamado por ele de espaço vital. A matematização de seu estudo dos processos psicológicos foi realizada com a utilização de uma forma da geometria chamada topologia, que viabilizava a possibilidade de diagramar e mapear o espaço vital. Segundo Lewin todas as formas de comportamento podem ser representadas por um diagrama. Para ele existe um estado de equilíbrio entre os indivíduos e o ambiente em que vivem. Quando esse equilíbrio é perturbado, surge uma tensão, que seria a própria motivação das ações humanas.

Rudolf Arnheim e sua Psicologia da Arte: aplicação dos princípios perceptivos propostos pela Gestalt para pensar a percepção na arte, ou mais genericamente as implicações da teoria da Gestalt para a estética. Arnheim afirma que a "percepção se mostra não o registro mecânico dos estímulos impostos pelo mundo físico sobre os órgãos receptores dos homens e dos animais, mas sim a apreensão ativa e criativa da estrutura. (...) A expressão dessa percepção que flui e se expande torna a arte possível."

Alguns historiadores da Psicologia, como Penna (1986), consideram que Piaget, com sua Psicologia Genética expressa sob uma forma estruturalista, apoia seus argumentos em bases gestaltistas, que de resto ele nunca teria negado. Assim, “revela-se válida a afirmação de que o Estruturalismo genético representa um neo-gestaltismo."

O próprio Koffka considerava que os trabalhos de Piaget sobre as crianças constituem verdadeiramente, ao lado dos trabalhos de Lévy- Bruhl a respeito dos povos primitivos, descrições de campos comportamentais nos termos propostos pelos gestaltistas. "A questão sobre se as descrições de Lévy-Bruhl e Piaget estão certas ou erradas não vem ao caso, visto que mesmo se estivessem erradas, uma descrição verdadeira seria do mesmo gênero; seria uma descrição de campo do meio comportamental e dos Egos nele contidos."(p.57)

Vale lembrar que os gestaltistas, assim como Piaget, alegaram que a tendência a organizar a experiência consciente (sensações e percepções) em todos os padrões significativos é inata. Em oposição, os empiristas e associacionistas, e seus derivados na psicologia do século XX, os behavioristas, por exemplo, sustentavam que o psiquismo não possui essas capacidades organizacionais inerentes. Segundo Merleau-Ponty, "o que distingue os gestaltistas de Piaget não é o papel da experiência, igual em ambos, mas a maneira pela qual compreendem a relação do exterior e do interior, as condições dadas e a elaboração biológica e psíquica. Para os gestaltistas, a acumulação da experiência apenas torna possível uma reestruturação que reestabelecerá num outro nível o equilíbrio do ser vivo e de seu meio. Em suas melhores passagens é assim também que Piaget descreve o desenvolvimento. Mas talvez por não ter tomado com rigor o princípio gestaltista de que o todo não é de modo algum a simples soma das partes, acontece-lhe voltar a uma noção quase empirista da experiência." (“O metafísico no homem”, Sens et non-sens, 1948, pp. 148-149)

Em outro momento do mesmo texto, referindo-se às aproximações entre linguística e psicologia ele afirma: "Talvez a noção de Gestalt ou de estrutura pudesse prestar aqui os mesmos serviços que na psicologia, visto que, nos dois casos, trata-se de conjuntos que não são a pura manifestação de uma consciência diretriz, que não têm o conhecimento explícito de seu próprio princípio, e, no entanto, podem e devem ser lidos rumando do todo às partes” (p.153). Merleau-Ponty, como muitos de seus contemporâneos acreditou que a noção de estrutura pudesse ser a saída para o impasse reinante no pensamento ocidental desde Descartes, qual seja, a dicotomia coisa- consciência, sujeito- objeto.

De forma geral, o estruturalismo consiste em descobrir sob os fatos observados a razão oculta da sua aparência, em trazer à luz essa configuração subjacente a que se pode chamar estrutura. No entanto, embora subjacente à organização, a estrutura a ultrapassa, uma vez que faz da organização uma variante cujas transformações ela explica. Para Lévi-Strauss "a forma define-se por oposição ao conteúdo que lhe é exterior; mas a estrutura não tem conteúdo; ele é o próprio conteúdo, apreendido numa organização lógica concebida como propriedade do real". A noção de estrutura não mutila a realidade, mas permite, pelo contrário, compreender todos os seus aspectos. A teoria estruturalista, tomando como realidade primeira a relação entre o organismo, qualquer que este seja, e o seu meio de existência, procura descobrir as estruturas constantes desta relação. Estas não constituem apenas modos de ser ou de fazer, observáveis como tal; são ainda formas dinâmicas que, sujeitas a conteúdos diversos, organizam as percepções e a ação.

PRINCÍPIOS:

a) A estrutura, embora sendo um nível de realidade não acessível a um conhecimento imediato e direto, é uma realidade; o estruturalismo, nesse nível, é um antiempirismo;

b) O estudo das estruturas, não sendo nem sincrônico nem diacrônico (categorias que podem ser consideradas do processo real), mas sim acrônico (como processo de conhecimento), precede necessariamente o estudo da evolução e da gênese (note-se, que os problemas de origem são, do ponto de vista estrutural, pseudo-problemas); nesse nível o estruturalismo é um anti- historicismo;

c) A estruturalidade da estrutura define-se pela ausência de centro, seja um sujeito individual, uma classe social ou a própria práxis.

Como sugere Figueiredo (Matrizes do Pensamento Psicológico, 1989) “a neutralização do sujeito caracteriza o ideal científico dos estruturalismos e os coloca como uma espécie de positivismo das ciências humanas. Esta índole cientificista, a preocupação metodológica com a demarcação entre o verdadeiro e o falso, o delineamento de procedimentos analíticos bem definidos e formalizados trazem as ciências humanas estruturalistas para bem próximo das ciências naturais. Distinguem-se, contudo, pela persistência em considerar as noções de significado e de sistema simbólico como definidoras de seus objetos específicos.”(p.153)

Como apreender o significado individual? Através de um código: um conjunto de regras que orientam a elaboração das mensagens e sua decifração. “Em aliança com as velhas filosofias racionalistas, as ciências humanas estruturalistas sustentam que os códigos são universais. “(p.154)

Nos estudos antropológicos, como os de Lévi-Strauss, a estrutura será a maneira como a troca está organizada em um setor da sociedade ou na sociedade inteira. Dessa forma, entende-se os fatos sociais não como coisas ou como ideias, mas como estruturas. Na antropologia estruturalista de Lévi-Strauss, forja-se uma nova imagem do homem. Este é um ser simbólico e simbolizante, no sentido de que está sempre imerso num mundo de significados e incessantemente estruturando seu universo num sistema significativo.